

25. “O FILHO DE DEUS SE FEZ HOMEM”

456-483



INTRODUÇÃO

O tema principal destes parágrafos é a encarnação. Depois de responder à pergunta: “Por que o Verbo se fez carne?” (456-461); o Catecismo explica o que é “encarnação” (461-463); e expõe o fato único, decisivo e originalíssimo de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, descrevendo como a Igreja clarificou e defendeu a fé na encarnação do Verbo diante das heresias (464-469). Por fim, esclarece como o Filho de Deus é homem (470-478).

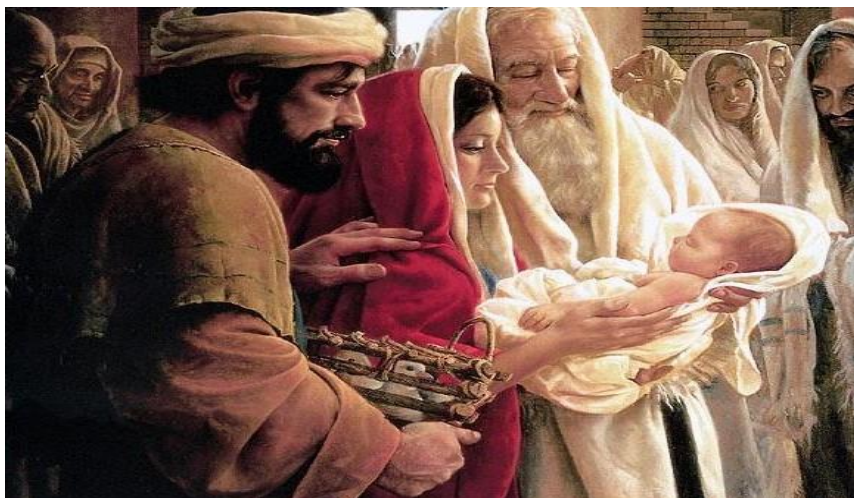
Texto 456-483

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO

CAPÍTULO II: CREIO EM JESUS CRISTO, FILHO ÚNICO DE DEUS

Artigo 2: “e em Jesus Cristo, seu Filho único, nosso Senhor”





I. Por que o Verbo se fez carne?

Com o Credo Niceno-constantinopolitano, respondemos, confessando: “E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem”.

O Verbo se fez carne para salvar-nos, reconciliando-nos com Deus: “Foi Ele que nos amou e enviou-nos seu Filho como vítima de expiação por nossos pecados” (1Jo 4,10). “O Pai enviou seu Filho como o Salvador do mundo” (1Jo 4,14). “Este apareceu para tirar os pecados” (1Jo 3,5).

(Parágrafo relacionado: 607, 385)

Doente, nossa natureza precisava ser curada; decaída, ser reerguida; morta, ser ressuscitada. Havíamos perdido a posse do bem, era preciso no-la restituir. Enclausurados nas trevas, era preciso trazer-nos à luz; cativos, esperávamos um salvador; prisioneiros, um socorro; escravos, um libertador. Essas razões eram sem importância? Não eram tais que comoveriam a Deus a ponto de fazê-lo descer até nossa natureza humana para visitá-la, uma vez que a humanidade se encontrava em um estado tão miserável e tão infeliz?

O Verbo se fez carne para que, assim, conhecêssemos o amor de Deus: “Nisto manifestou-se o amor de Deus por nós: Deus enviou seu Filho Único ao mundo para que vivamos por Ele” (1Jo 4,9). “Pois Deus amou tanto o mundo, que deu seu Filho Único, a fim de que todo o que crer nele não pereça, mas tenha a Vida Eterna” (Jo 3,16).

(Parágrafo relacionado: 219)

O Verbo se fez carne para ser nosso modelo de santidade: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim” (Mt 11,29). “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6). E o Pai, no monte da Transfiguração, ordena: “Ouvi-o” (Mc 9,7). Pois Ele é o modelo das Bem-aventuranças e a norma da Nova Lei:

“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12). Este amor implica a oferta efetiva de si mesmo em seu seguimento.

(Parágrafos relacionados: 520, 823, 2012, 1717, 1965)

O Verbo se fez carne para tornar-nos “participantes da natureza divina” (2Pd 1,4): “Pois esta é a razão pela qual o Verbo se fez homem, e o Filho de Deus, Filho do homem: é para que o homem, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo, assim, a filiação divina, se torne filho de Deus”.

(Parágrafos relacionados: 1265, 1391)

“Pois o Filho de Deus se fez homem para nos fazer Deus. “Unigenitus Dei Filius, suae divinitatis volens nos esse participes, naturam nostram assumpsit, ut homines deos faceret factus homo. O Filho Unigênito de Deus, querendo-nos participantes de sua divindade, assumiu nossa natureza para que aquele que se fez homem dos homens fizesse deuses.”

(Parágrafo relacionado: 1988)



II. A Encarnação

Retomando a expressão de São João (“O Verbo se fez carne” Jo 1,14), a Igreja denomina “Encarnação” o fato de Filho de Deus ter assumido uma natureza humana para realizar nela a nossa salvação. Em um hino atestado por São Paulo, a Igreja canta o mistério da Encarnação:

(Parágrafos relacionados: 653, 661, 449)

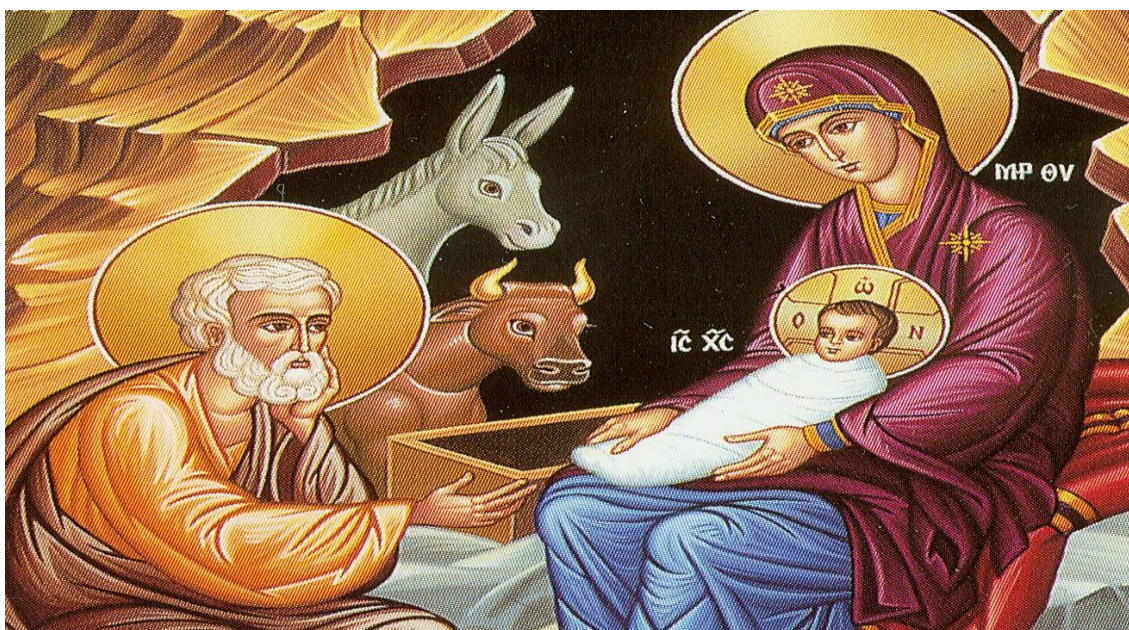
Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se

a si mesmo, assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! (Fl 2,5-8).

A Epístola aos Hebreus fala do mesmo mistério:

Por isso, ao entrar no mundo, ele afirmou: Não quiseste sacrifício e oferenda. Tu, porém, formaste-me um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não foram de teu agrado. Por isso eu digo: Eis-me aqui... para fazer a tua vontade (Hb 10,5-7, citando Sl 40,7-9 LXX)

A fé na Encarnação verdadeira do Filho de Deus é o sinal distintivo da fé cristã: “Nisto reconheceis o Espírito de Deus. Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus” (1Jo 4,2). Esta é a alegre convicção da Igreja desde o seu começo, quando canta “o grande mistério da piedade”: “Ele foi manifestado na carne” (1Tm 3,16). **(Parágrafo relacionado: 90)**



III. Verdadeiro Deus e verdadeiro homem

O acontecimento único e totalmente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que ele seja o resultado da mescla confusa entre o divino e o humano. Ele se fez verdadeiramente homem permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. A Igreja teve de defender e clarificar esta verdade de fé no decurso dos primeiros séculos, diante das heresias que a falsificavam.

(Parágrafo relacionado: 88)

As primeiras heresias, mais do que a divindade de Cristo, negaram sua humanidade verdadeira (docetismo gnóstico). Desde os tempos apostólicos a fé cristã insistiu na verdadeira Encarnação do Filho de Deus, “que veio na carne”. Mas desde o século III a Igreja teve de afirmar, contra Paulo de Samosata, em um concílio reunido em Antioquia, que Jesus Cristo é Filho de Deus por natureza e não por adoção. O I Concílio Ecumênico de Nicéia, em 325, confessou em seu Credo que o Filho de Deus é “gerado,

não criado, consubstancial (*homousios*) ao Pai” e condenou Ário, que afirmava que “o Filho de Deus veio do nada” e que ele seria “de uma substância diferente da do Pai”.

(Parágrafo relacionado: 242)

A heresia nestoriana via em Cristo uma pessoa humana unida à pessoa divina do Filho de Deus. Diante dela, São Cirilo de Alexandria e o III Concílio Ecumênico, reunido em Éfeso em 431, confessaram que “o Verbo, unindo a si em sua pessoa uma carne animada por uma alma racional, se tornou homem”. A humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde sua concepção. Por isso o Concílio de Éfeso proclamou, em 431, que Maria se tornou de verdade Mãe de Deus pela concepção humana do Filho de Deus em seu seio: “Mãe de Deus não porque o Verbo de Deus tirou dela sua natureza divina, mas porque é dela que ele tem o corpo sagrado dotado de uma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne”.

(Parágrafo relacionado: 495)

Os monofisistas afirmavam que a natureza humana tinha cessado de existir como tal em Cristo ao ser assumida por sua pessoa divina de Filho de Deus. Confrontado com esta heresia, IV Concílio Ecumênico, em Calcedônia, confessou em 451:

Na linha dos santos Padres, ensinamos unanimemente a confessar um só e mesmo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, o mesmo perfeito em divindade e perfeito em humanidade, o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, composto de uma alma racional e de um corpo, consubstancial ao Pai segundo a divindade, consubstancial a nós segundo a humanidade, “semelhante a nós em tudo, com exceção do pecado”; gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, e nesses últimos dias, para nós e para nossa salvação, nascido da Virgem Maria, Mãe de Deus, segundo a humanidade. Um só e mesmo Cristo, Senhor, Filho Único, que devemos reconhecer em duas naturezas, sem confusão, sem mudanças, sem divisão, sem separação. A diferença das naturezas não é de modo algum suprimida por sua união, mas antes as propriedades de cada uma são salvaguardadas e reunidas em uma só pessoa e uma só hipóstase.

Depois do Concílio de Calcedônia, alguns fizeram da natureza humana de Cristo uma espécie de sujeito pessoal. Contra eles, o V Concílio Ecumênico, em Constantinopla, em 553, confessou a propósito de Cristo: “Não há senão uma única hipóstase [ou pessoa], que é Nosso Senhor Jesus Cristo, Um da Trindade”. Na humanidade de Cristo, portanto, tudo deve ser atribuído à sua pessoa divina como ao seu sujeito próprio; não somente os milagres, mas também os sofrimentos, e até a morte: “Aquele que foi crucificado na carne, nosso Senhor Jesus Cristo, é verdadeiro Deus, Senhor da glória e Um da Santíssima Trindade”.

(Parágrafos relacionados: 254, 616)

A Igreja confessa, assim, que Jesus é inseparavelmente verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Ele é verdadeiramente o Filho de Deus que se fez homem, nosso irmão, e isto sem deixar de ser Deus, nosso Senhor:

“Id quod fuit remansit et quod non fuit assumpsit - Ele permaneceu o que era, assumiu o que não era”, canta a liturgia romana. E a liturgia de São João Crisóstomo proclama e canta: “Ó Filho Único e Verbo de Deus, sendo imortal, vos dignastes por nossa salvação encarnar-vos da Santa Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, vós que sem mudança vos tomastes homem e fostes crucificado, ó Cristo Deus, que por vossa morte esmagastes a

morte, sois Um da Santíssima Trindade, glorificado com o Pai e o Espírito Santo, salvai-nos!”.

(Parágrafo relacionado: 212)

IV. De que maneira o Filho de Deus é homem

Uma vez que na união misteriosa da Encarnação “a natureza humana foi assumida, não aniquilada”, a Igreja tem sido levada, ao longo dos séculos, a confessar a plena realidade da alma humana, com suas operações de inteligência e vontade, e a do corpo humano de Cristo. Mas, paralelamente, teve de lembrar toda vez que a natureza humana de Cristo pertence “in próprio” à pessoa divina do Filho de Deus que a assumiu. Tudo o que Cristo é e o que faz nela depende do Um da Trindade. Por conseguinte, o Filho de Deus comunica à sua humanidade seu próprio modo de existir pessoal na Trindade. Assim, em sua alma como em seu corpo, Cristo exprime humanamente os modos divinos de agir da Trindade:

(Parágrafos relacionados: 516, 626)

[O Filho de Deus] trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano. Nascido da Virgem Maria, tomou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado.

(Parágrafo relacionado: 2599)

A ALMA E O CONHECIMENTO HUMANO DE CRISTO

Apolinário de Laodicéia afirmava que em Cristo o Verbo havia substituído a alma ou o espírito. Contra este erro a Igreja confessou que o Filho assumiu também uma alma racional humana.

(Parágrafo relacionado: 363)

Esta alma humana que o Filho de Deus assumiu é dotada de um verdadeiro conhecimento humano. Enquanto tal, este não podia ser em si ilimitado: exercia-se nas condições históricas de sua existência no espaço e no tempo. Por isso o Filho de Deus, ao tornar-se homem, pôde aceitar “crescer em sabedoria, em estatura e em graça” (Lc 2,52) e também informar-se sobre aquilo que na condição humana se deve aprender de maneira experimental. Isto correspondia à realidade de seu rebaixamento voluntário na “condição de escravo”.

Mas, ao mesmo tempo, este conhecimento verdadeiramente humano do Filho de Deus exprimia a vida divina de sua pessoa. “A natureza humana do Filho de Deus, não por si mesma, mas por sua união ao Verbo, conhecia e manifestava nela tudo o que convém a Deus.” Este é, em primeiro lugar, o caso do conhecimento íntimo e direto que o Filho de Deus feito homem tem de seu Pai. O Filho mostrava também em seu conhecimento humano a penetração divina que tinha pensamentos secretos do coração dos homens.

(Parágrafo relacionado: 240)

Por sua união a Sabedoria divina na pessoa do Verbo encarnado, o conhecimento humano de Cristo gozava em plenitude da ciência dos desígnios eternos que viera revelar. O que ele reconhece desconhecer neste campo declara alhures não ser sua missão revelá-lo.

A VONTADE HUMANA DE CRISTO

Paralelamente, a Igreja confessou no VI Concílio Ecumênico que Cristo possui duas vontades e duas operações naturais, divinas e humanas, não opostas, mas cooperantes, de sorte que o Verbo feito carne quis humanamente na obediência a seu Pai tudo o que decidiu divinamente com o Pai e o Espírito Santo por nossa salvação. A vontade humana de Cristo “segue a sua vontade divina sem estar em resistência nem em oposição em relação a ela; mas antes sendo subordinada a esta vontade todo-poderosa”.

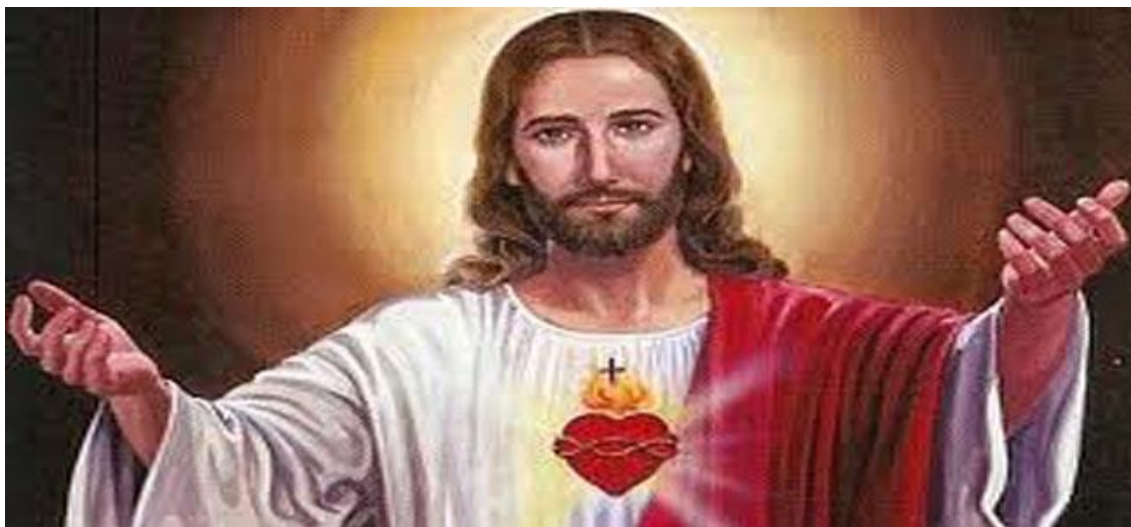
(Parágrafo relacionado: 2008, 2824)

O VERDADEIRO CORPO DE CRISTO

Visto que o Verbo se fez carne assumindo uma verdadeira humanidade, o corpo de Cristo era delimitado. Em razão disso, o rosto humano de Jesus pode ser “desenhado”. No VII Concílio Ecumênico, a Igreja reconheceu como legítimo que ele seja representado em imagens sagradas.

(Parágrafos relacionados: 1159-1162, 2129-2132)

Ao mesmo tempo, a Igreja sempre reconheceu que, no corpo de Jesus, “Deus, que por natureza é invisível se tornou visível aos nossos olhos”. Com efeito, as particularidades individuais do corpo de Cristo exprimem a pessoa divina do Filho de Deus. Este fez seus os traços de seu corpo humano a ponto de, pintados em uma imagem sagrada, poderem ser venerados, pois o crente que venera sua imagem “venera nela a pessoa que está pintada”.



O CORAÇÃO DO VERBO ENCARNADO

Jesus conheceu-nos e amou-nos a todos durante sua Vida, sua Agonia e Paixão e entregou-se por todos e cada um de nós: “O Filho de Deus amou-me e entregou-se por mim” (Gl 2,20). Amou-nos a todos com um coração humano. Por esta razão, o sagrado Coração de Jesus, traspassado por nossos pecados e para a nossa salvação, “praecipuus consideratur index et symbolus... illius amoris, quo divinus Redemptor aeternum Patrem hominesque universos continenter adamat – é considerado o principal sinal e símbolo daquele amor com o qual o divino Redentor ama ininterruptamente o Pai Eterno e todos os homens”.

(Parágrafos relacionados: 487, 368, 2669, 766)

RESUMINDO

No tempo determinado por Deus, o Filho Único do Pai, a Palavra Eterna, isto é, o Verbo e a Imagem substancial do Pai, encarnou sem perder a natureza divina, assumiu a natureza humana.

Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, na unidade de sua Pessoa Divina: por isso Ele é o único mediador entre Deus e os homens.

Jesus Cristo possui duas naturezas, a divina e a humana, não confundidas, mas unidas na única Pessoa do Filho de Deus.

Sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Cristo tem uma inteligência e uma vontade humanas, perfeitamente concordantes com e submetidas a sua inteligência e a sua vontade divinas que tem em comum com o Pai e o Espírito Santo.

A Encarnação é, portanto, o Mistério da admirável união da natureza divina e da natureza humana na única Pessoa do Verbo.



Revisando temas

A realidade da encarnação é a condição necessária para assegurar a eficácia da redenção: se Jesus não fosse verdadeiramente Deus, a Sua paixão e a Sua morte não nos teriam redimido. Se não tivesse sido realmente homem, nem sequer a Sua abnegação nos teria salvado, na medida em que o que não é assumido (a natureza humana) não pode ser salvo (Santo Atanásio). Esta preocupação desde os primeiros tempos exigiu da Igreja que se garantisse o correto equilíbrio na afirmação quer da divindade quer da humanidade de Jesus Cristo.

E já no tempo do autor do Evangelho de João (final do séc. I) alguns romperam este equilíbrio negando a real humanidade de Jesus. Os docetas (do grego *dokeo* = aparecer) defendiam que o corpo de Jesus era só aparência e que por isso o Filho de Deus não tinha sofrido na cruz. O quarto Evangelho e as cartas de João respondem com veemência a este desvio reivindicando a realidade da encarnação da Palavra (*Logos*; Jo 1,1-18).

Mais tarde (nos inícios do séc. IV) foi do lado da divindade que se rompeu o equilíbrio. Ário, presbítero de Alexandria, negou a divindade de Jesus Cristo, considerando-O mais como a primeira de todas as criaturas, com o poder de exercer um papel de mediador entre Deus e o mundo, mas em nenhum caso Ele mesmo era Deus em sentido próprio. A

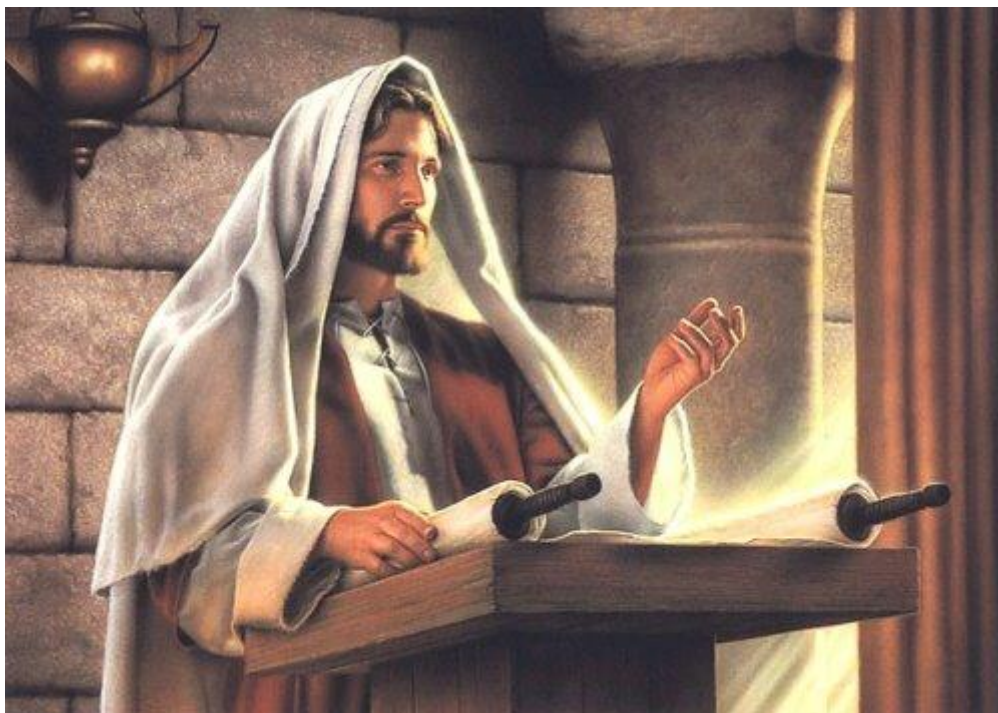
partir desta posição desenvolveu-se uma grande corrente – chamada arianismo – seguida por muitos bispos, e uma exaustiva discussão teológica que culminou no Concílio de Nicéia (325).

Foi neste Concílio que foi formulada uma parte do Credo conhecido como Niceno-constantinopolitano, que neste ano da fé estamos rezando com mais frequência. Desse Credo deriva a expressão “nascido do Pai antes de todos os séculos”, tal como a especificação “gerado, não criado”, para que fosse claro que Jesus não era uma criatura, mas desde sempre Deus, que vive numa relação eterna de descendência do Pai. Para afirmar a divindade de Jesus Cristo com mais precisão, foi cunhada a fórmula “consustancial ao Pai”, usando termos tomados da linguagem filosófica da época (do grego “*homo*” = igual, o mesmo; “*ousia*” = natureza).

Com outras expressões mais poéticas reunidas a partir da tradição dos primeiros teólogos, os padres conciliares completaram a definição: “Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro”.

O Credo de Nicéia foi assim pensado para transmitir fielmente às novas gerações – de língua e cultura grega – a mesma convicção acerca da divindade de Jesus que surge na pregação dos Apóstolos e nos testemunhos reunidos no NT. Em nenhum caso se pode defender que Jesus tenha sido divinizado pelo Concílio de Nicéia. As reconstruções romanceadas nesse sentido carecem de qualquer base histórica e documental.

Todavia, o equilíbrio começa a vacilar mais tarde com a solução intermédia proposta por Nestório de Antioquia: a natureza divina e a humana teriam sido unidas em Jesus somente de modo espiritual. De tal forma que Maria teria somente sido mãe da humanidade de Cristo e não de Sua divindade. A isto respondeu, primeiro, o Concílio de Éfeso (431) afirmando que *Jesus como Deus e como homem, é um e o mesmo*; que Maria é mãe de Deus. Seguidamente, o Concílio de Calcedônia (451) ensinou que em Jesus Cristo ambas as naturezas (divina e humana) estão unidas “sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação”.



Em Jesus Cristo as naturezas (humana e divina) não estão unidas por mera justaposição, nem por absorção de uma pela outra, tampouco por uma mutação de uma pela outra. As naturezas estão unidas na única Pessoa do Filho de Deus, ou seja, trata-se de união pessoal. Por isso chama-se essa união das naturezas de união hipostática.

Ainda hoje, como ao longo da história da Igreja, a condição humana e divina de Jesus Cristo é motivo de propostas e especificações. Periodicamente aflora em cristãos de boa-fé ou em pessoas que se afastaram da prática religiosa a dificuldade de aceitar a *divindade* de Jesus. Parece-lhes mais lógico reconhecer Jesus como um grande profeta, mestre de sabedoria, defensor da dignidade de todos os seres humanos. Poderíamos dizer que um certo arianismo difundido está sempre à espreita.

Apesar de estas questões nos poderem parecer, por vezes, discussões teóricas que exigem um esforço conceitual exaustivo, é importante considerar que a nossa fé, tal como outras questões humanas (como a política, a economia, a justiça social) exige rigor no raciocínio e coerência. Não se pode dizer: “Este aspecto não é importante, eu tenho a minha fé”.

As formulações incluídas no Credo não pretendem explicar exhaustivamente o que de fato é inacessível à inteligência humana; pretendem simplesmente, por assim dizer, indicar a direção certa por onde se pode investigar o mistério da pessoa de Jesus. Elas esclarecem o mistério, mas especificam qual é o mistério que não podemos racionalizar, mas que podemos aceitar na humilde evidência da fé.

Fonte: Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, *Viver o Ano da Fé*, Paulus, São Paulo, 2012, p. 48-52.

Leitura complementar

Santo Agostinho defende a verdadeira humanidade do Verbo encarnado

A missão do Filho não se limita ao seu nascimento, mas abarca todo seu percurso histórico, suas palavras e ações, sua morte e ressurreição. A encarnação não é somente o evento pontual do nascimento. Assim, afirmar a verdade da carne de Cristo significa reconhecer a verdade de toda economia da salvação do Verbo encarnado. A carne (a humanidade) de Cristo não é mera aparência: «Ora, Cristo é de tal forma a Verdade que tudo nEle deve ser considerado verdadeiro: Verdadeiro Verbo, Deus igual ao Pai, verdadeira a alma, verdadeiro homem, verdadeiro Deus, verdadeiro nascimento, verdadeira paixão, verdadeira morte, verdadeira ressurreição» (Santo Agostinho, *Tract.* 8,5 CCL 36,85).

Admitir o docetismo equivale a fazer de Cristo uma fraude: «porque se a mãe é fictícia, fictícia é a morte, fictícias são as feridas da paixão, fictícias, as cicatrizes da ressurreição; não seria a verdade a livrar aqueles que creem mas a falsidade» (Santo Agostinho, *Tract.* 8,7 CCL 36,86).